

# A fábrica invisível e o lugar dos humanos – Por Hélder Almeida da Silva

written by Hélder Almeida da Silva | 21 de Julho, 2025

**OCIDADÃO**  
Jornalismo Livre

**CRÓNICA**  
Hélder Almeida da Silva



Quando faltam pessoas para carregar no botão, será a tecnologia a resposta – ou estamos a construir fábricas sem lugar para humanos?

Nunca houve tanto trabalho nas fábricas. E nunca foi tão difícil encontrar quem o queira fazer. Máquinas afinadas, encomendas colocadas... e ninguém para carregar nos botões.

Durante décadas, ouvimos o discurso de que “*as máquinas vão roubar os nossos empregos.*” Mas agora, o cenário mudou. **Hoje, o que faltam não são empregos – são pessoas.** Há empresas a oferecer prémios de entrada, horários flexíveis, fruta no refeitório e até massagens. E mesmo assim **não conseguem**

**recrutar.**

A realidade bate à porta das empresas de forma inesperada. Há candidatos a desistirem mesmo antes de entrar, outros arrepiam-se quando ouvem falar em turnos e há mesmo quem não esteja na disposição de se deslocar 10 ou 20Km para ir trabalhar. Outros ainda começam o dia de trabalho... mas já não o terminam. Vão embora antes do relógio marcar a hora de saída. É assim um pouco por todo o lado: a indústria está a envelhecer, os jovens não sonham com fábricas – **preferem startups, trabalho remoto e cafés com Wi-Fi rápido.** E muitos dos que ainda estão no chão de fábrica já contam os dias para a reforma.

Resultado? Um vazio que a tecnologia – ou, em alguns casos, a imigração – está a tentar preencher.

É neste enquadramento que surge a tal “*fábrica invisível*”: aquela onde sensores, algoritmos e robôs trabalham em silêncio, sem pausas para café nem queixas de dores nas costas. Onde a produção continua mesmo quando o operador está de baixa – ou de férias nas Maldivas, com o telemóvel desligado (coisa rara, mas possível).

E não é ficção científica. **Em Portugal já há fábricas onde a IA toma decisões**, os dados são analisados em tempo real e a produção avança, mesmo sem operadores.

Claro que alguém vai sempre dizer “*desumanização!*”. Mas será assim tão mau libertar pessoas de tarefas pesadas, repetitivas e de pouco valor acrescentado? A questão verdadeira é outra: estamos a preparar as pessoas para os novos papéis mais criativos, seguros e valorizáveis, que esta revolução exige? Não será este o verdadeiro progresso?

As respostas a estas questões não são simples, mas começam por uma palavra: **requalificação**. O problema é que requalificar não é só dar um curso de Excel e desejar boa sorte. É preciso tempo, investimento e vontade. E

nem todas as empresas – nem todos os trabalhadores – estão preparados para isso.

Há por isso o risco de criarmos uma nova desigualdade: entre os que sabem lidar com tecnologia e os que ficam para trás. Entre quem programa os robôs... e quem é substituído por eles. E isto já não é só um problema técnico – **é um desafio social.**

Felizmente, há sinais positivos. Há operadores a tornarem-se analistas de dados, técnicos a aprender programação, empresas a investirem em academias internas. Muitos destes novos perfis vêm de áreas inesperadas. O talento pode estar onde menos se espera e por vezes basta que a oportunidade seja criada.

**A fábrica invisível** não é opcional nem é futurista – é o presente e surgiu porque não há outra forma de responder à escassez de mão-de-obra, de competir globalmente e de produzir mais com menos. A questão não é “se” vai acontecer – é “como” vamos garantir que as pessoas continuam a ter um lugar nela.

A tecnologia não veio substituir pessoas – veio substituir tarefas. O desafio é garantir que as pessoas continuem a ter lugar neste novo mundo.

Porque no fim, a fábrica do futuro não será feita só de sensores, algoritmos e robôs que não falham. Será feita de pessoas que sabem pensar com eles.

E talvez o trabalhador mais valioso seja mesmo esse: o que entende tanto de máquinas... como de pessoas. Porque, no fundo, a tecnologia pode fazer quase tudo – **menos substituir o bom senso.**